

## EDITORIAL

No umbral deste número do Boletim, quero inicialmente evocar a figura de Irmã Bruno-Marie Colin, coordenadora das comissões européias do DIM / MID, que faleceu em quatro de fevereiro. Nos últimos dez anos, ela deixou a marca de seus passos no trabalho pelo diálogo inter-religioso das monjas e monges. Ela também colaborou com o Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso, como ‘consultora’ desde 2001. Nós guardamos sobretudo sua maneira de agir, descrita no texto publicado no nosso último número : «um coração que se despoja, o vazio que acolhe, entranhas de misericórdia... ». E queremos continuar seu engajamento, aliando uma reflexão fundamental a um diálogo concreto com nossa vizinhança e as instâncias locais de nossas regiões respectivas.

Quero também falar aqui de urna outra separação, felizmente menos definitiva. Monsenhor Michael Fitzgerald, Presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso foi nomeado Núncio Apostólico no Cairo. Ele constantemente testemunhou sua confiança nas comissões DIM / MID participando das reuniões e mesmo de um Intercâmbio Espiritual, no Japão, em 1990. Nós tivemos a grata satisfação de com ele colaborar para a elaboração de uma espiritualidade do diálogo. Por ocasião da reunião das comissões européias, na cidade de Assis, em 2003, ele teve o cuidado de precisar o que o CPDI esperava de nós. O texto desta conferência (Boletim Internacional, 2003/2) permanece uma referência maior de nosso trabalho na Igreja.

Fiz questão de encontrar o Cardeal Paul Poupard, Presidente do Conselho Pontifício para a Cultura, que substitui Monsenhor Fitzgerald no CPDI. Quis lhe confirmar nosso engajamento no diálogo e nosso desejo de trabalhar em ligação com seu Conselho. Por ocasião desse encontro, ele exprimiu sua estima pelo trabalho realizado pelo DIM / MID, desde as origens. Ele me assegurou confiar nos monges e monjas para continuar este tipo de diálogo inter-religioso. Mencionei que, por ocasião da criação das Comissões Européias, fomos convidados a concentrar nosso trabalho no nível dos usos e costumes monásticos, isto é, no nível cultural. Entretanto, rapidamente tomamos consciência da necessidade de expandir nossos horizontes e de estabelecer um diálogo no nível das motivações religiosas mais profundas, nas quais se enraíza a cultura religiosa. O Cardeal, que é o autor de um grande Dicionário das Religiões, e conhece, portanto, muito bem a situação atual, me repetiu então que efetivamente o diálogo no nível da experiência espiritual é não apenas legítimo e desejável, mas que ele é indispensável na Igreja. É apenas necessário que aqueles que nele se engajem, estejam para isto bem preparados.

Encorajado por estas palavras, pude acalmar as inquietudes de numerosas pessoas, que se indagam sobre o que significam estes ajustes dentro da Cúria romana: o fato de o Conselho para o Diálogo inter-religioso ter sido absorvido pelo Conselho para a Cultura significa que, de agora em diante, a Igreja Católica abordará as outras religiões apenas como fenômenos culturais? É preciso renunciar a continuar encontrando os fiéis das outras religiões enquanto pessoas de fé? Muitos se perguntam se existem motivações secretas por detrás destas mudanças. Indagam sobre o que teria acontecido com o ‘espírito de Assis’, tão firmemente promovido pelo papa João Paulo

II.

É evidente que o ‘movimento dialogal’, já em marcha durante quarenta anos, não pode mais ser parado. Com a jornada de oração na cidade de Assis, em 1986, foi atingido um ponto de não – retorno. Um número cada vez maior e monjas prosseguem seu trabalho pelo diálogo, seguindo o mandado que lhes foi dado pela Igreja, e que o Cardeal Poupard recentemente me lembrou.

É preciso, entretanto, salientar que as ênfases transmitidas pelo Vaticano constituem uma indicação preciosa para o trabalho inter-religioso de monges e monjas. O diálogo mais especificamente monástico, aquele que se realiza no nível da experiência espiritual, não pode mais ser isolado das outras formas de diálogo. As dimensões culturais, sociológicas, artísticas, psicológicas – em resumo, tudo aquilo que dá uma espessura humana ao encontro – não devem jamais ser negligenciadas. Pois, caso não se adote esta abordagem paciente, através de todas as mediações culturais, caso se limite o intercâmbio apenas ao nível espiritual, o risco é grande de haver um curto-circuito no processo e talvez mesmo de compromete-lo gravemente.

Resta, contudo, que, nestes últimos tempos, e em particular desde a publicação do *Dominus Iesus* (2000), diversas indicações um pouco reticentes a respeito do diálogo inter-religioso podem despertar o medo de um decidido engajamento em relação a um tal encontro com os outros. Qual será o futuro do diálogo propriamente inter-religioso que nós praticamos em nossas comissões?

Nos anos cinquenta e sessenta, existiam apenas alguns pioneiros do diálogo inter-religioso. Desde os anos setenta, o DIM / MID buscou atingir um maior número de pessoas a fim de favorecer um ‘movimento dialogal’. Nos anos vindouros, parece, no entanto, preciso encorajar, sobretudo, alguns monges e monjas que se sintam chamados a irem mais longe nesta pesquisa. Eles se tornarão os novos pioneiros. Inspirados pelos exemplos de grandes monges, como os Padres Thomas Merton, Henri Le Saux ou Christian de Chergé, eles poderão, juntos, realizarem extraordinários avanços. É minha convicção que, extraindo a audácia da nossa humildade, nós poderemos ainda muito contribuir para explorar e desenvolver o caminho espiritual do diálogo, sempre « sendo conduzidos pelo Evangelho », como recomenda a Regra de São Bento.

Pierre - François de BETHUNE,

Secretário-Geral das Comissões DIM / MID

## **CARTA PARA A REDAÇÃO DO BOLETIM DO IDIM**

*Para um cristão, a espiritualidade do diálogo jorra do coração da fé em Deus, um Deus de comunhão, como o faz entrever o mistério da Trindade, um Deus que é Pai de todos, Filho que veio entre nós e Espírito que age em todos os corações e todas as religiões. Esta espiritualidade está centrada na pessoa de Jesus Cristo, o Filho do Pai que envia o Espírito. Ela convida o cristão a contemplar Jesus nos Evangelhos a fim de compreender seu modo de*

*encontrar toda pessoa, mesmo sendo de uma outra cultura ou de uma outra religião. Trata-se, no fundo, de ter os mesmos sentimentos que foram de Cristo Jesus (cf Phil. 2,5), com todas as exigências que esta imitação de Cristo comporta. Aquele que se engaja no encontro com pessoas de outras religiões terá freqüentemente a impressão de estar nas fronteiras da Igreja ou mesmo de atravessá-las. Daí a importância de manter o laço com a comunidade cristã, partilhando com ela a experiência do diálogo e apoiando-se em sua prece. Esta espiritualidade do diálogo é, portanto, também profundamente eclesial.*

*Enfim, a prática espiritual do diálogo nos abre para as dimensões da humanidade inteira e nos sustenta em nossa caminhada com nossos irmãos e irmãs das outras religiões, nesta «jornada fraterna na qual nós nos acompanhamos uns aos outros em direção ao fim transcendente que Ele (Deus) estabeleceu para nós » (João Paulo II, Discurso de conclusão da Jornada Mundial de Oração para a Paz, Assis, 27 de outubro de 1986). (. ..) Aqueles que se engajam nesta via do diálogo sabem que não é sempre fácil. Pode haver incompreensões, choques, recusas. Mas o diálogo pode também trazer descobertas, surpresas, alegrias. Uma espiritualidade do diálogo deve transmitir a capacidade de perseverar apesar do que é negativo e acolher em espírito de ação de graças tudo que é positivo.*

*Monsenhor MF Fitzgerald*

## **NOTÍCIAS DO DIM**

### **RELATO DE UMA PEREGRINAÇÃO INTER-RELIGIOSA NA ÍNDIA**

Para alguns membros do DIM - França, o acontecimento mais marcante foi a peregrinação inter-religiosa para a Índia, de 10 a 31 de janeiro. Nosso grupo era composto de sete monges e monjas (Ir Solange de Jouarre, Ir Samuel de Martigné-Briand, Ir Marie de Urt, D. Ambroise de La Pierre-qui-Vire, D. Antoine de Bec-Hellouin, D. Daniel de En Calcat, D. Michel-Marie de Solesmes), todas pessoas de contato do DIM. Este grupo e nosso guia, Swami Veethamohananda da Ordem de Ramakrishna, com quatro de seus discípulos, partiu com o objetivo de adquirir um conhecimento mais profundo do hinduísmo. O acompanhamento dos swamis (monges) hindus nos facilitou as visitas locais, e nos possibilitou entrar em lugares normalmente proibidos aos estrangeiros e aos infiéis. O pressuposto desta viagem era acolher o que nos seria oferecido, deixando-nos impregnar por tudo que percebêssemos, sentíssemos, entendêssemos, bem sabendo que o tempo e o estudo posterior permitiriam de melhor compreender o que inicialmente nos parecesse estranho, até mesmo desnorteante, de qualquer modo muito afastado de nossa forma de racionalidade e de nossa percepção religiosa.

Durante 15 dias, habitamos em ashrams da Missão Ramakrishna. Que espantosa é a Índia pela irradiação de seus grandes místicos, século após século! Nós tivemos a oportunidade de visitar dois ashrams femininos onde viveram dois místicos do século xx, cuja doutrina é ainda seguida: o de Ananda Moyi, chamada simplesmente de « Ma », em sinal de afeto e de reverência; e o da *guru* Shoba Ma, considerada por suas discípulas não como um ser humano, mas, como sendo, segundo elas, uma encarnação da deusa Kali.

De Rishikesh a Calcutá, ou seja, ao longo da quase totalidade do curso do Ganges, no percurso de cidades santas e elevados lugares espirituais, nós tentamos a imersão em densas multidões, procurando recolher alguns fragmentos de uma fé tão viva e tão antiga. Trazíamos a cabeça cheia das evocações de Dom Le Saux, este beneditino francês e companheiro de Dom Monchanin, que passou os últimos vinte e cinco anos de sua vida na Índia, podendo a justo título ser considerado como pioneiro do diálogo inter-religioso entre o hinduísmo e o cristianismo.

A ordem monástica da Missão Ramakrishna, fundada no início do século passado por Swami Vivekananda, sob inspiração do grande místico Sri Ramakrishna, constituiu nossa « família de acolhimento » monástico, onde fomos recebidos como irmãos e irmãs, nos diferentes ashrams que demarcavam a nossa estrada. « Existem tantos caminhos, quantas religiões existirem » afirma um dos credos desta ordem monástica de 1500 monges, que permanece profundamente hindu, mas que integra o estudo da Bíblia e do Alcorão em sua formação. Uma das experiências que renovamos várias vezes, ao longo de nossa viagem, e que se tornou um dos aspectos mais marcantes de nossa peregrinação foi a celebração do *arati*, a cerimônia de oferenda efetuada durante o *puja*, o ofício religioso em honra da divindade. Tocamos aqui numa dimensão essencial da devoção hindu. Durante o *arati*, o devoto, antes de qualquer outra coisa, se oferece a si-mesmo como servo da divindade.

A Índia é também a terra natal do budismo, dela retirado após alguns séculos, mas que permanece seu berço incontornável, quando se quer decifrar esta outra grande tradição. Ela é, na realidade, uma reforma que, ao contrário do hinduísmo, inundou todo o Extremo-Oriente. As multidões de peregrinos acorrem vindas do Extremo-Oriente, e agora também do Extremo-Occidente, em direção de Sarnath, perto de Benares, onde o Buda pronunciou seus primeiros sermões, e para Bodh Gaya, onde ele teve sua primeira iluminação. É sempre surpreendente ver, nos mais elevados lugares espirituais, monumentais edifícios de pedras que comemoram um acontecimento tão fugaz como uma aparição, uma iluminação, um sermão. Aqui todos os budismos do Oriente se cruzam vindo se restaurar nestas fontes. Um fervor impressionante reina em volta da grande *stupa*.

Em Calcutá, fomos convidados a participar de um pequeno colóquio inter-religioso organizado por ocasião de nossa visita. Estudantes e professores universitários, que ali ensinam, estavam presentes. Durante duas horas, debatemos a respeito da significação do diálogo inter-religioso, hoje, na situação de tensão vivida na Índia. Alguns intercâmbios entre hindus, muçulmanos e monges cristãos são já um sinal de paz e de abertura, que vale por si mesmo.

Bettina Bäumer, discípula de Henri Le Saux e presidente da Sociedade Abhishiktananda, na Índia, marcou um encontro conosco para visitarmos juntos

Varanasi (Benares). Para ela « a base do diálogo é a amizade » e « o diálogo verdadeiro se estabelece sobre este terreno profundo da relação interior », sendo um encontro com o outro em « seu terreno ». Ela nos fez notar também que, em Benares, há 25% de muçulmanos, que apenas reagem negativamente quando se destrói alguma coisa que lhes pertence. Na Índia, não são as instituições que vêm em primeiro lugar, mas a santidade. Ela sublinhou o quanto o DIM é importante no campo do encontro das espiritualidades, dizendo-nos que os hindus não se enganam a este respeito: eles reconhecem aqueles que oram, não importa quem sejam, nem qual seja sua pertença religiosa. Le Saux dizia também: « os que são verdadeiros se reconhecem sempre ». Bettina nos assinala igualmente que se, na Europa, fala-se a respeito do sincretismo de modo negativo, na Índia, este conceito não existe: aqui, tudo coabita sem se misturar, nada é excluído, há uma harmonia de tudo, que corresponde a algo mais do que uma simples incorporação.

Nós tivemos também a ocasião de um profundo contato com a cristandade local, pois fomos hospedados, em Nav Sadhana, na periferia de Benares. Ali descobrimos uma Igreja Católica que tem a coragem de anunciar o Evangelho através de suas obras sociais e educativas. As duas missas em hindi, das quais participamos, nos desvendaram uma Igreja bem viva e enraizada através da integração dos ritos e símbolos tradicionais, em suas celebrações. O encontro com Monsenhor Patrick de Souza, arcebispo de Benares, nos confirmou esta impressão de vitalidade. Escutando-o, percebemos até que ponto, numa perspectiva inter-religiosa, a missão e a evangelização devem encontrar outras formas, além das que conheceram no passado. No término desta viagem, seria prematuro tentar fazer um balanço. De uma certa maneira, é agora que as coisas começam. Tendo aberto certas portas e tendo sido ultrapassadas certas barreiras, o espírito e o coração não têm outra escolha senão cavar mais adiante o sulco assim esboçado.

Provavelmente não retornaremos à Índia, mas não poderemos nunca mais viver nossa fé cristã como se a salvação fosse oferecida apenas a uma pequena porção da humanidade. Esta presença, de agora em diante mais concreta, de milhões de homens e de mulheres estrangeiros à cultura ocidental e à tradição judaico-cristã nos obriga a uma reflexão mais avançada sobre a significação de tal situação de fato para a economia geral da salvação. Trata-se de algo decisivo para a reflexão teológica contemporânea que não pode mais se contentar com respostas já feitas nem repetir incansavelmente fórmulas prontas. A presença do outro enquanto outro, a recusa de toda *captatio benevolentiae* que negaria uma identidade própria, assim como a necessidade de uma fidelidade sem falha aos próprios fundamentos da nossa fé, tudo isto abre um caminho ainda não traçado de antemão, no qual nos acompanha o Espírito Daquele que saiu do âmago do Pai para vir ao encontro da humanidade e lhe revelar sua verdadeira identidade.

Esta viagem à Índia nos permitiu tornar conhecida a existência e as atividades do DIM, graças a artigos e entrevistas.

*Ir. Marie Pinlou, de Urt (França)*

# DOCUMENTOS E ESTUDOS

*Documento 1*

## BENTO XVI

### **O PAPA SUBLINHA A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E DO PRINCÍPIO DE RECIPROCIDADE ENTRE CRISTÃOS E MUÇULMANOS.**

A Igreja católica sente « com uma consciência crescente que o diálogo inter-religioso faz parte de seu engajamento no serviço da humanidade », declarou Bento XVI. No último 15 de maio, ele recebeu em audiência os membros do Conselho Pontifício para os migrantes e os itinerantes, reunidos em assembleia plenária em torno do tema « Migração e itinerância de e para os países de maioria islâmica ». Nesta ocasião, ele convidou os cristãos para um « diálogo aberto sobre o problema religioso », mas também para a « reciprocidade » deste diálogo.

«A Igreja católica sente com uma consciência crescente que o diálogo inter-religioso faz parte de seu engajamento a serviço da humanidade, no mundo contemporâneo», declarou o Papa. «Esta convicção tornou-se seu pão cotidiano, particularmente para aqueles que trabalham com os migrantes, os refugiados e as diversas categorias de pessoas itinerantes... Nós vivemos tempos nos quais os cristãos são chamados a cultivar um estilo de diálogo aberto sobre os problemas religiosos, mas sem com isto renunciar a oferecer aos seus interlocutores a mensagem cristã em coerência com sua identidade própria... Sente-se cada vez mais a importância da reciprocidade do diálogo... Trata-se de uma relação fundada no respeito recíproco e de uma atitude do coração e do espírito», ele explicou. «Os esforços feitos em numerosas comunidades para tecer relações mútuas de estima pelos imigrantes aparecem mais do que nunca úteis para ultrapassar os preconceitos... Evidentemente, é preciso também esperar que os cristãos que emigram para os países de maioria islâmica aí encontrem a acolhida e o respeito de sua identidade religiosa».

## CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO BUDISTAS E CRISTÃOS A SERVIÇO DA HUMANIDADE

Mensagem aos budistas pela festa de Vesakh 2006  
de Monsenhor Michael L. Fitzgerald, 14 de fevereiro de 2006.

Caros amigos budistas,

Em nome do Conselho Pontifício pelo Diálogo Inter-religioso, transmito-lhes, assim como a todas as comunidades budistas do mundo inteiro, meus melhores votos para o Vesakh. Desejo que celebrem alegremente esta festa.

Como de costume, gostaria que esta fosse uma ocasião de compartilhar alguns pensamentos que podem ajudar a fortalecer as relações entre nossas duas comunidades. Este ano, estas reflexões se inspiram na primeira carta do Papa Bento XVI aos católicos do mundo inteiro. Esta carta, *Deus é Amor*, ou *Deus caritas est* (DCE) segundo o título em latim, se interroga sobre a natureza do amor. Sua Santidade o Papa tem a convicção de ser necessário que esta palavra, tão freqüentemente utilizada e, entretanto, muitas vezes incompreendida, tenha seu verdadeiro sentido restaurado, a fim de tornar-se uma baliza luminosa para a vida diária.

Nós cristãos acreditamos que a manifestação perfeita do amor (*ágape*) se encontra em Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, que consagrou sua vida inteira a espalhar a Boa Notícia do amor de Deus, tanto em palavras como em atos. Ao dar sua vida pela humanidade inteira, Jesus ofereceu a expressão última deste amor. Mais ainda, Jesus é a fonte da *ágape*, em particular pelo dom dele mesmo na eucaristia. Restaurados por esta fonte, os cristãos se esforçam de seguir as pegadas de Jesus testemunhando seu amor pelos seus irmãos e irmãs, especialmente pelos pobres e por aqueles que sofrem.

Através de nosso diálogo, temos podido apreciar a importância que vocês budistas atribuem ao amor pelos seus semelhantes, e que se exprime no conceito de *metta*, um amor sem nenhum desejo de possessão, estando unicamente voltado para ajudar os outros. É um amor que está pronto a sacrificar o interesse pessoal em benefício de toda a humanidade. Assim, *metta*, segundo o ensino budista, não se limita a um pensamento benevolente, mas se abre à realização de atos de caridade, no serviço de cada um e de todos. E, na verdade, uma bondade universal. Não se pode também esquecer uma outra verdade, *karuna*, através da qual se exprime uma compaixão amorosa em relação a todos os seres vivos.

Neste mundo, no qual a palavra amor é muitas vezes utilizada e deturpada, não seria útil aos budistas e aos cristãos redescobrirem seu sentido original, segundo suas respectivas tradições, e compartilharem sua compreensão uns com os outros? Isto poderia ser um encorajamento para os fiéis das duas tradições trabalharem juntos na construção de relações fundadas sobre o amor e a verdade, nutrirem um respeito mútuo, promoverem o diálogo e favorecerem a colaboração no serviço dos que precisam.

Estas considerações me conduzem a emitir um último desejo: que a festa de Vesakh possa ser um tempo no qual a amizade entre budistas e cristãos se consolide e onde a colaboração, num espírito de *agapè* e de *metta*, seja reforçada.

Neste espírito, desejo lhes um Feliz Vesakh.

### *Documento 3*

## **ENTREVISTA COM O CARDEAL PAUL POUPARD**

**(extratos)**

*Questão de I. Gaulmyn: A união realizada por Bento XVI entre o Conselho Pontifício para a Cultura e o Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso significa que o essencial do diálogo deva ocorrer, no espírito do papa, no nível das culturas?*

*Resposta do Cardeal:* Tome cuidado com as frases redutoras, elas podem conduzir a mal-entendidos! A decisão do Santo Padre visa apenas unir, por enquanto, a presidência do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso e a presidência do Conselho Pontifício para a cultura, com uma motivação clara e bastante positiva : < a fim de favorecer um diálogo mais intenso entre os homens de cultura e os representantes das diferentes religiões ». Os dois conselhos são autônomos, e eles continuam seu trabalho como sempre. Está bem claro: a religião não pode nem ser separada, nem identificada com a cultura. Ela é como a sua alma, o seu coração, apesar de transcende-la. Monsenhor Sabbah, patriarca latino de Jerusalém, observou em *La Croix* do último 25 de março o quanto as divisões entre os fiéis das diferentes religiões provinham geralmente de razões culturais mais do que teológicas, no que ele chama de « o choque da incompreensão mútua ». Favorecer o diálogo inter-religioso no plano cultural, não significa reduzir sua importância! Muito pelo contrário! Por exemplo, si nós dialogamos como recentemente em Bruxelas — com os muçulmanos e a pedido deles, sobre os desafios ecológicos e o meio ambiente, nós nos referimos à Criação de Deus, objeto da fé, mas também campo de reflexão filosófica. E a filosofia faz parte da cultura. (. .)

### *Como avaliar a autenticidade do diálogo?*

A autenticidade requer uma espiritualidade do diálogo e o desejo de um

verdadeiro encontro. (. ..)

***Quais são hoje os obstáculos que freiam o diálogo entre as religiões?***

Os obstáculos são principalmente culturais. Com certeza, preconceitos redutores tão espalhados são verdadeiros obstáculos, assim como a falta de compreensão da natureza e da finalidade do diálogo inter-religioso. A secularização torna também difícil a compreensão da necessidade para a nossa fé de ter que dialogar com os fiéis das outras religiões. Contudo, prefiro falar de desafio, em vez de obstáculos. Na fé, somos animados pela esperança.

***Pode-se ter um diálogo teológico com as religiões não-cristãs?***

É preciso separar o diálogo com os judeus, com os quais compartilhamos a mesma fonte original da Revelação. Quanto ao diálogo com os muçulmanos, ele não pode evidentemente tratar do dogma : a Trindade, a Encarnação, os sacramentos. Todavia, cristãos e judeus, nós constituímos com eles a posteridade de Abraham. O diálogo pode, portanto, se situar no nível dos pressupostos da fé: a crença na existência de um único Deus, criador do mundo visível e invisível, a crença na imortalidade da alma. . . A virtude da religião não diz respeito enquanto tal à teologia. A justiça, as relações da religião, o sentido da criação, etc. são alguns pontos de diálogo que não são diretamente teológicos. No entanto, o diálogo com os crentes das outras religiões pode lançar novas luzes em certos pontos doutrinários, aprofundando e até mesmo, no que concerne à descoberta dos valores espirituais dos outros, contribuindo para o enriquecimento.

*Entrevista feita por Isabelle Gaulmyn, publicada no jornal La Croix de 04/07/06.*